

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Director:

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Superintendente de Educação Elementar

REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil	} um anno.... 12\$000 6 mezes.... 6\$000
União Postal.....	

SUMMARIO

Red.....	Medida necessaria	—	Linguas mais faladas
Rodolfo Rivarola.....	Uma impressão sobre D. Alba Ca- ñizares Nascimento.	—	Bibliographia
Raja Gabaglia	Oração de paranympo	Pedro A. Pinto.....	Divulgação
Helena Antipoff	O trabalho da criança e a escola	F. Ayer.....	Assistencia Dentaria nas escolas
Pedro A. Pinto.....	Lingua Materna	—	Programmas das escolas do Distri- cto Federal

MEDIDA NECESSARIA

Durante muito tempo soffreu o ensino municipal de grave mal: a imperfeita distribuição de docentes pelas escolas.

Em muitos estabelecimentos, excessivos eram os adjuntos; em outros, sobretudo nos das zonas suburbana e rural, a falta era absoluta. Escolas havia que funcionavam tendo elevada frequencia, apenas com a directora, obrigada essa a ensinar a todas as classes do mais variado adiantamento, além de se incumbir da parte administrativa do estabelecimento.

Providencias felizes foram, porém, tomadas e a situação está hoje remediada. O estagio obrigatorio em certas zonas e a gratificação para locomoção ás escolas de difficil accesso — foram medidas que contribuíram, efficaçmente, para a completa extincção do mal.

Questão semelhante que, segundo estamos informados, está merecendo a attenção e os cuidados da administração do ensino, é a que se refere ao serviço dos encarregados da limpeza e conservação dos predios escolares.

Não ha nos regulamentos nenhuma disposição, fixando o criterio da distribuição desses modestos serventuarios, pelas escolas.

No estado de S. Paulo, lei recente acaba de estabelecer que o numero de serventes, em exercicio, nos grupos escolares, será proporcional ao numero de alumnos: um servente para cada cinco salas de aulas.

Esse criterio parece, á primeira vista, o melhor e o mais justo. A nós, porém, não se afigura o mais acertado.

Os edificios das escolas não dispõem apenas de salas de classes. Ha muitas outras dependencias, como as da bibliotheca, dos museus, gabinetes dentarios, gabinete da directoria, etc., que exigem o mesmo trabalho de limpeza e conservação.

Achamos, assim, muito mais conveniente e mais justo, fazer depender a designação dos serventes da área de construcção do predio escolar, levando-se ainda em linha de conta a extensão do terreno em que está situado e os pateos de recreio, porventura existentes.

Uma impressão sobre Dona Alba Canizares Nascimento

Acaba de regressar ao Brasil com os nossos patricios, que fizeram á Republica Argentina uma viagem de recreio e estudos, D. Alba Canizares do Nascimento, illustre superintendente de Educação Elemental do Distrito Federal.

Todos que tomaram parte na proveitosa excursão promovida pelo Club Municipal são unânimes em proclamar a maneira verdadeiramente notavel com que D. Alba Nascimento desempenhou a incumbencia, que lhe outorgou o Dr. Anisio Teixeira, de representar, naquella republica irmã, o Departamento de Educação do Districto Federal.

Nenhum depoimento, porém, mais valioso que a do eminente argentino Rodolfo Rivarola, publicado no Jornal do Commercio e que, com a devida venia, transcrevemos abaixo:

«Já havia começado a tarde de sabado, 19 de Janeiro, quando um recado do Embaixador do Brasil, meu amigo, me annunciou a visita da illustre professora, perguntando-me pela hora em que poderia recebê-la. Marcada a hora, promptificamo-nos, minha mulher e eu, a esperal-a, muito certos de que teríamos nisso muito prazer.

Achava-me no jardim de minha casa quando appareceu á porta, seguida de outras duas, a dama de cabellos brancos e rosto rosado e jovem, que se destacou das companheiras, nomeando-me com emoção de alegria, como amigos que se encontram depois de longa ausencia. Era a primeira vez que nos víamos. Tão espontanea era a apparição sympathica, que experimentei igual regosijo; beijei-lhe a mão, e cumprimentei com affecto suas companheiras, tambem distinctas professoras. Identica impressão causou em minha esposa a apresentação, communicativa de expansão affectuosa.

Entregou-me uma carta do presidente do Instituto Argentino-Brasileiro do Rio Dr. Rodrigo Octavio, e, apenas iniciada a conversação, começou, com infinita vivacidade, a declaração de seu sentimento americano, sua concepção de um mundo novo, de civilização europeá e christã, que deverá ser christã, mas sem repetir-se europeá; americana, pan-americana... E, á medida que falava, a forte con-

vicção lhe dava á voz inflexão de eloquencia. Um mundo novo, uma vida nova, uma nova realidade social e moral; a paz não é sufficiente; é necessario o affecto, a amizade, o respeito reciproco, a intimidade no interesse commum; a America é um mundo distincto da Europa, e tanto mais distincto do velho, quanto mais se distanciam o antigo Continente e suas terras. A America é para os americanos de toda a America, em solidariedade continental.

E, passando do enthusiasmo idealista, á acção, á possibilidade de realizar, não sómente de prégar, voltava a ser o thema de seu enthusiasmo. A escola, as escolas, a instrucção primaria, as crianças de agora, os cerebros infantis e os ternos corações serão a base de realização, cimento firme do grande edificio.

E assim, para exemplificar a acção, os Clubs Infantis, já fundados, em actividade; toda uma resolução em programmas e methodo.

Suas idéas, expressadas rapidamente, passam ante os olhos como scintillas. Dona Alba ascende em enthusiasmo. Fala para o casal que a ouve, com admiração tambem crescente. Eis aqui um folheto com seu nome: Alba Canizares Nascimento — *Par-maricanismo e educação* — Conferencia na Academia de Ciencias de Educação. 7-11-34 (Prefacio do ex-Ministro das Relações Exteriores e Membro da Academia Brasileira de Letras, sr. Felix Pacheco). «Aqui no Prefacio está o nome de Rivarola, e a divulgação do que a Sra. Olga denominou *Philosophia dispersa e amavel*, e as palavras sobre a escola e a moral internacional...

Procuramos em vão reduzir a justas e modestas proporções seus juizos naquillo que nos toca pessoalmente; accrescenta enthusiasmo pela Argentina, pela admiração que esta lhe inspira, pela educação argentina, pelo affecto que temos por sua terra e pela America. A conversação não descáe... mas o relógio, impassivel, com a indifferente impassibilidade do tempo, que se escapa por particulas de segundos, marcou uma hora e pouco mais.

A tarde era bellissima; suave e sereno o ambiente. Convidamos nossas visitantes a ver e conhecer El Tigre, pela larga Avenida que

sem solução de continuidade conduz hoje ao sitio predilecto. O rio, visto do caminho, tinha especial colorido de mar repousado. O sol declinava e deviamos correr para alcançar, ainda com sua luz, o final da excursão. Um instante no porto de Olivos e novas expressões de admiração por esta nossa natureza, que tão pobre vemos ao recordar a mais formosa bahia do mundo, as mais formosas montanhas que se erguem na cidade até confinar com os jardins particulares. «E a outra margem do rio?» — «Não se vê»... Continuamente a leve subida de Olivos até ás quintas de Martinez; a ondulação de San Isidro, a de San Fernando; e El Tigre, — manso e adormecido já á sombra crepuscular, — nos proporcionou um tempo de breve descanso na plataforma do hotel.

Dona Alba mudara de thema. O casal era o objecto de sua affectuosa consideração. A imaginação e a sympathia uniram-se em nosso favor, e continuaram na viagem de regresso. Entretanto já havia passado a hora e estávamos esquecidos de que os excursionistas tinham convite para um chá ou um cock-tail.

Chegamos ao hotel de sua residencia, depois de, approximadamente, quatro horas de companhia, para nós encantadora. Combinei com ella apparecer para assistir á visita que iria fazer ao Presidente do Conselho Nacional de Educação, Engenheiro Octavio S. Pico, na segunda-feira ao meio dia.

Na segunda-feira 21, pouco depois do meio dia, compareci ao logar combinado. Chegaram o Embaixador, Dr. José Bonifacio de Andrade e Silva, Dona Alba e tres professores. O Presidente do Conselho, Engenheiro Octavio S. Pico, recebeu affavelmente a hospede tão distincta. Sua fama a havia precedido. Nada pôde haver que seja monotono, passado, formalistico ou convencional, onde se encontra a professora Nascimento.

Sua vivacidade, a presteza de sua palavra, suas maneiras, a espontaneidade de seus conceitos dominam o ambiente. O enthusiasmo com que declarava a união affectiva e espiritual da Argentina e do Brasil não davam tempo ao empenho do Presidente do Conselho em explicarlhe a obra propria pela educação no mesmo ideal, em nossas escolas. Foi assim que passou ás mãos do Sr. Pico a mensagem do Director Geral de Educação do Districto Federal, trazida por ella.

Chegaram para a mesa da secretaria pilhas de livros enviados pelo activissimo e intelligente director, Anisio Spinola Teixeira.

D. Alba estava com todo resto do dia occupado: seria recebida em audiencia pelo Mi-

nistro da Instrucção Publica Dr. Irondo. Não obstante se encontrarem fechadas as escolas, em pleno periodo de ferias, o chefe do corpo medico escolar, Dr. Olivieri, e o director da Casa dos Mestres, achariam material sufficiente para occupar sua attenção no dia immediato.

Pouco depois das 20 horas, foi transmittida pelo radio eloquentissima e emocionante oração, pela união de toda a America, no sentimento e na acção civilizadora de concepção social propria, na grandeza das nações, pelo affecto reciproco, tudo mediante a escola, por obra da educação. A peroração foi encomio generosissimo para a Argentina, grito de admiração, maior do que poderíamos esperar. A voz da oradora, potente e firme, parecia partir do alto de uma tribuna para dez mil, para cem mil ouvintes, Subia, crescia, a entonação vibrante; desfilavam os nomes de argentinos e o fulgor oratorio deslumbrava, e presentia já o grito final do discurso; aquillo corria e devia correr fogosamente a um *Viva a Argentina!* que repetiu.

Os ouvintes, distantes e isolados, não podiam, e não puderam, evitar, automaticamente, o applauso. Minutos depois, o relator do Rio Prieto annunciou que o Presidente da Nação General Justo, e outras muitas pessoas enviavam, pelo telephone, palavras de agradecimento, admiração e applausos á insigne oradora.

Grande força tem a palavra que emerge do cerebro são, da convicção profunda e do intimo sentimento. Assim foi, ou assim deve ter sido a de Jesus. O que se conservou nos Evangelhos são apenas notas breves de grandes discursos. Os maximos oradores sagrados procuram alcançar sua inacessivel altura. Mas todo o esforço para chegar ao alto só dá para approximação do modelo.

E? o que se deve dizer desta oradora espontanea e altamente culta. É agora superintendente de educação primaria no Districto Federal. Seu campo de acção é a escola; sua força positiva é a palavra. Sua eloquencia é de bondade, de affecto, de amôr, de paz, de trabalho, de ordem e de felicidade para todos os povos da America. Sua palavra vibrou no Brasil, na Argentina e no Uruguay: a Sul America do Atlantico. É já digna de ser titulada *Superintendente da cordialidade internacional da America*.

Este é o meu voto por sua candidatura.

Oração de paranympho

(Proferida pelo Dr. Fernando Raja Gabaglia, em Dezembro proximo passado, por ocasião da entrega dos diplomas ás alumnas que concluíram o curso secundario do Instituto de Educação.)

A hora é de alegrias e de esperanças. O termino de um curso, como o da Escola Secundaria do Instituto de Educação, assignala uma victoria e descortina novas e luminosas perspectivas.

Paranympho, cabe-me, de inicio, desvanecido e sensibilizado, dizer-vos, minhas jovens e formosas discipulas, o meu sincero agradecimento. De quantas manifestações pudessem tocar o meu coração de professor, certo que nenhuma me rejubilaria tanto.

O curso de humanidades, que ora terminaes, é de alta importancia, pela somma de conhecimentos que contém e pelo que representa na formação da cultura nacional.

Bem hajam os legisladores do ensino municipal, que, numa larga visão, deram ao curso fundamental da antiga Escola Normal, o caracter de curso secundario.

A reforma do ensino no Districto Federal pode transformar em uma realidade o preparo á profissão magistral, criando, como complemento ao curso que concluis, a Escola de Professores.

Todas vós, porém, não vos destinaes ao magisterio municipal, pois algumas existem que propendem ás carreiras liberaes. Então, o curso secundario, organizado á imagem do padrão do ensino federal, o glorioso Collegio Pedro II, offerece os elementos necessarios á admissão nos institutos da Universidade.

O ensino secundario imprescindível á constituição das *élites*, não é, no regime democratico, um privilegio de alguns e ha de ser o quanto possivel generalizado. De alto teor educativo, desinteressado, constructor, é a infra estrutura de toda a cultura moderna. Imaginae, assim, o valioso patrimonio que adquiristes e deveis preservar e accrescer, a bem dos interesses da propria collectividade.

Nos dias agitados que vivemos, a complexidade da nossa civilização exige de

todos, homens e mulheres, uma participação constante, já nos dominios da intelligencia, já nas diversas provincias da actividade social.

E o triumpho da vossa collaboração dependerá do thesouro da vossa educação.

A mulher é sentimento e devotamento; no seu amor, ha profundeza e, se existe egoismo feminino, elle é antes vaidade que orgulho. Sua razão, maravilhosamente ductil, assimila, celere, o concreto e a sua acção empolga, porque tem sempre a logica do coração.

Com as graças de sua belleza physica, flor e perfume da poesia humana, e com os encantos de sua belleza moral, quanta vez nume inspirador das acções generosas e nobres, tem a mulher um espirito eminentemente conservador, guarda das tradições e dos bons costumes.

Esta indole conservadora, ao tumultuar do scenario moveção da vida contemporanea, assegura á mulher um alevantado papel, no equilibrio da sociedade. Porém para desempenhar com proveito e eficiencia tão delicada missão, não lhe bastam simplesmente os donaires de sua formosura ou o olôr de suas virtudes, mas carece a força invencível de uma cultura solidamente estratificada.

Minhas jovens e queridas discipulas. Na vossa educação e na das vossas irmãs, descança, em grande parte, o edificio social, pela actuação que a mulher desenvolve no lar, na escola ou na vida publica.

A educação, é, dest'arte, o fundamento da sociedade mesma, porém, — permittido que vos advirta, — a educação deve ser sempre norteada por um ideal, luz e esperança do futuro.

Elevae, pois, os vossos pensamentos e accendei toda a vossa actividade nas chamas vivas de um ideal.

Para cima, seja o vosso lemma; olhos fitos nas coisas superiores, nos principios eternos da Verdade e da Sciencia. A exemplo dos batalhadores medievaes, sejamos soldados das causas dignas, armemo-nos, onde quer que desenvolvamos a nossa labuta, milicianos de Deus, *miles Dei*.

Legionarios do ideal, impregnae, sempre o vosso esforço na idéa da Justiça liberal e humana, mixto de razão e de sentimento.

De Justiça, fundada na dignidade da pessoa humana e na bondade que embala as idéas puras. Assim, o livre jogo das

actividades, no recesso das vossas familias, como no ambito maior da nossa Patria, será uma condição primordial da felicidade de todos e a unidade, necessaria aos agrupamentos sociaes, decorrerá menos de uma disciplina exterior e oppressora, do que do assentimento ananime e racional das vontades.

Formulando, em nome dos vossos mestres, os mais ardentes anhelos, pelo exito da vossa carreira e pela felicidade pessoal de cada uma de vós, deixae que vos recorde ainda que deveis, pelo estudo e pelo trabalho, ennobrecer as tradições desta Casa.

Cumpri o vosso dever e pugnae sempre, com vigor e cultura, pelo vosso direito. O vosso direito, deste modo defendido, não será uma conquista egoista, mas, como haveis de semear o bem, será uma fracção da ventura de todos e um elemento da harmonia universal.

Ao vosso porvir, minhas gentis afilhadas!

O Trabalho da Criança e a Escola

O amparo do pequeno jornaleiro

Do jogo espontaneo e primitivo da infancia ao trabalho livre e creador do adulto ha uma longa fila de estados intermediarios determinando a evolução complexa da actividade humana.

Todos sahindo do mesmo ponto inicial nem todos chegam ao final, uns por falta de aptidões natas; outros por falta de educação que não orientou o individuo para as formas superiores do passa-tempo; outros, emfim, por falta de sorte, impedidos no seu percurso por dificuldades economicas, e obrigados a pararem nos degraus inferiores do labor.

Os que herdaram aptidões regulares ou boas — a educação e a assistencia devem ajudar para tornal-os homens adultos, em toda amplitude da palavra.

O homem adulto é precisamente aquelle que chegou ao nível alto das actividades — ao trabalho.

Trabalhar é esforçar-se para produzir de tal modo que a realização do desejo seja subordinada ás exigencias da realidade objectiva, exigencias que implicam uma espera, um encadeiamento de passos, ás vezes penosos para elles mesmos, mas que um fim nitidamente percebido guia e controla (Claparede).

O trabalho assim comprehendido não se encontra nem no anormal, nem no escravo, nem na creança jovem, nem no ser que não chegou a certo degráu do desenvolvimento mental, nem no demente, nem no criminoso. Apesar e todos elles frequentemente fornecerem grandes esforços, as suas actividades são incompletas e não chegam a constituir o trabalho humano integral, onde as exigencias e tendencias do individuo se harmonizam com o ambiente social, e onde o esforço e a obra feita serve um fim de character moral.

Quando é que a creança é capaz de trabalhar? E' difficil de contar com isso antes de 12-14 annos. As interessantes observações de R. Cosinet e de seus collaboradores sobre o trabalho livre de creanças, organizadas espontaneamente em grupos para fins escolares, mostram como é pueril ainda a creança de 9-10 annos. Só approximando-se de 12-13 annos é que apparecem nestas actividades attributos essenciaes do trabalho, como a iniciativa, o sentido de responsabilidade, a perseverança, a tendencia a attingir a perfeição, a divisão eficiente do trabalho entre membros de um grupo, a solidariedade, mutuo auxilio, abnegação pessoal, em proveito da collectividade, reconhecimento do merito alheio, respeito...

A escola activa, hoje em dia, com a orientação pragmatica de preparar individuos aptos á vida social, utiliza methodos dynamicos para formação da personalidade do alumno e fornece á creança numerosas oportunidades para ensinar-lhe a trabalhar. Quanto mais tempo a creança permanecer neste laboratorio, nesta officina escolar tanto mais poderemos esperar do seu futuro.

A Escola é sagrada para a infancia e é do dever da sociedade vigiar a sua frequencia. Os Codigos em vigor, na maioria dos paizes possuem leis severas a respeito da obrigatoriedade do ensino, determinando-o até 12, 14 ou mesmo 15 annos. Nota-se actualmente uma tendencia a augmentar ainda a idade, como se vê na Inglaterra e em certos Cantões da Suissa. Uma das razões dessa medida, é o combate do «chômage». Procurando os meios de diminuir o exercito assustador dos «sem-trabalho», a legislação obriga o adolescente a frequentar a escola, impedindo assim que elle se empregasse, occupando o lugar dos mais edosos. Esta ancia de prevenir a crise economica serve de melhor garantia á obrigatoriedade do ensino.

Nos paizes, onde o «chômage» é por assim dizer inexistente, vêm-se milhares de creanças, ás vezes bem novas, empregadas em mais variadas occupações, na industria, no commercio, na agricultura, na imprensa, em casas de diversões, — na rua como em casa, no campo como na officina, em toda a parte sentimos o suor do corpo fragil da creança que

abundantemente ella secreta no seu generoso esforço de collaborar na obra humana.

Que orgulho deve encher o coração do pae vendo o filho trabalhar, forte e capaz! Mas ai do pae! que esquece ás vezes que nem todo o trabalho é bom, que nem todo o esforço é compativel com a idade. Não é espontaneamente que a maioria das jovens creanças labutam, não é livre a escolha da occupação, a qual ella se entrega imposta pelos paes, muitas vezes, ignorantes e brutos, ou determinada pela cega necessidade.

Não ha mais de um seculo que o trabalho do menor ficou amparado pelas leis, prevenindo a inominada exploração a que se sujeitava a creança sem resistencia possivel. Jules Simon descreveu scenas de veras monstruosas no seu celebre «L'ouvrier de huit ans». Hoje, a maioria dos paizes regulamenta o trabalho da criança, preocupados a salvaguardar assim sua saude physica e moral: limitam o horario, impedem as occupações de noite, prohibem a participação nas industrias insalubres, tanto para o corpo como para a alma, garantem-lhe o ensino...

Assim é que o Codigo de Menores brasileiro limita o trabalho do menor a 6 horas, interrompido por varios repousos; prohibe o trabalho nocturno, impedindo que elle seja occupado das 7 horas da noite ás 5 da manhã; prohibe o emprego em trabalhos pesados e perigosos, etc... Quanto com relação ao ensino, diz o Codigo de Menores (1927) o seguinte:

«Art. 101. E' prohibido em todo o territorio da Republica o trabalho aos menores de 12 annos.

Art. 103, paragrapho 3.º. Todavia, os menores providos de certificados de estudos primarios, pelo menos do curso elementar, podem ser empregados a partir de 12 annos.

Art. 102. Eguamente não se pode occupar a menores desta idade que contem menos de 14 annos, e que não tenham completado sua instrucção primaria. Todavia, a autoridade competente poderá autorizar o trabalho deste quando o considere indispensavel para subsistencia dos mesmos ou de seus paes ou irmãos, contanto que recebam a instrucção escolar que lhes seja possivel».

Como se vê, as leis brasileiras procuram garantir a saude da creança, oppõem-se ao analfabetismo e á exploração. Infelizmente são obrigadas a capitular deante da miseria, deixando o passo á tolerancia, contanto que a occupação não prejudique ao menor.

Em Minas, as leis são tão humanas como no resto do Brasil. O que falta talvez aqui, como no resto do mundo, provavelmente, é a boa observação destas leis, pois nota-se uma fiscalização insufficiente, tanto no dominio do proprio trabalho, como no da frequencia escolar do pequeno trabalhador. Basta inquerir uma meia centena de crianças empregadas e

veremos que muitos delles não cumpriram a lei da escolaridade.

O mesmo notaremos, considerando uma outra fonte de informações — a estatistica escolar. Sobre uma matricula de 318.292 crianças em Minas, de 1931 — a frequencia attin- apenas 75 %. A maioria destes infrequentes são geralmente occupados em varios serviços domesticos e outros. Os numeros tornam-se mais expressivos ainda se considerarmos que só 20.614 crianças concluem o curso, ou seja 8,6 % sobre a frequencia e 6,5 % sobre a matricula, ao envez de 25 % para o magro curso de 4 annos das escolas urbanas, e mais ou menos 33 % para o curso de 3 annos das escolas rurales.

A escola publica primaria é coisa sagrada para a criança, é a sua necessidade a mais intrinseca, e seu direito mais legitimo. E' mister, para o bem do paiz, levantar o nivel escolar, agindo sobre todos os factores que impedem o seu levantamento. Como frequentemente a escolaridade é prejudicada pelas occupações, do ganha-pão dos menores, somos obrigados a amparar a criança neste sentido, auxiliando os poderes publicos a fiscalizar uns e outros. E' preciso intervir com geito junto aos paes ou ás empresas que occupam menores, procurando tornar os horarios mais compatíveis com os da escola.

A Associação de Assistencia ao Pequeno Jornaleiro (sob o nome de jornaleiro entende-se todo menor, empregado em qualquer trabalho remunerado, quer seja elle domestico, agricola, commercial ou industrial), fundada ha pouco tempo em Bello Horizonte, incumbiu-se deste auxilio, offerecendo seus serviços ao bem da criança empregada.

Aqui vão seus estatutos quanto a seus fins e funcionamento:

Art. 1.º Fica instituida em Bello Horizonte sob a denominação A. A. P. J. uma associação civil, destinada a proteger e assistir os menores occupados em qualquer trabalho, domestico, agricola, commercial, industrial, etc. que necessitam de amparo material e moral.

Art. 2.º Esta assistencia será assegurada pelos seguintes meios:

a) auxiliar os poderes publicos na assistencia aos menores trabalhadores, offerecendo-lhe abrigos nocturnos para o somno;

b) auxiliar os poderes publicos na assistencia aos menores proporcionando-lhes ambiente proprio para cultura intellectual e educação social, civica e religiosa;

c) auxiliar os poderes publicos na fiscalização do trabalho dos menores empregados, afim de que elles não sejam prejudicados em sua saude physica e moral;

d) esforçar-se na orientação profissional do menor, procurando trabalhos proprios ao seu sexo, idade, forças e aptidões.

Como se pode notar a A. A. P. J. não é

apenas uma instituição de mera caridade e altruismo que se preocupa apenas com o dia de hoje, e limita-se a mascarar as apparencias da realidade miseravel; pelo contrario, seu maior intuito é o problema do saneamento futuro e do bem estar do paiz, pois a boa regulamentação do trabalho profissional e a assistencia racional ao trabalhador representam um meio seguro do progresso social. A assistencia ao trabalhador adolescente é o dever que se impõe á sociedade.

Helena Antipoff.

Do «Minas Geraes».

LÍNGUA MATERNA

Pergunta-me u'a aluna do 4.º ano da «Escola Paulo Frontin» a origem, o significado e o género da palavra *mascote*.

E' termo de proveniência franceza, de uso muito espalhado entre nós.

Não aparece nos velhos dicionários da língua portuguesa, de Bluteau, de Morais, Lacerda, Aulete, A. Coelho e Cândido de Figueiredo, 1.ª edição. O último, na 3.ª edição, dá: «Mascote. Boa sina, boa ventura. (Do nome p. de uma opereta».

Não está bem exacta a informação, nem provém a palavra do nome da opereta de Audran, levada ao palco em París, pela primeira vez, em 1880. Masco, em francês, é outro nome de *sorcier*, correspondente a feiticeiro, a mágico, a mago... em português, a anhangüera, em tupi. Mascote é diminutivo de *masco*.

Copio de um dicionário de língua franceza: «Mascote. Palavra provençal, deminutivo de *masco*, feiticeiro, de origem desconhecida. Foi posta em voga pela opereta de E. Audran, La Mascote, representada em 1880».

A palavra já existia e se vulgarizou depois de aparecer a opereta.

Edmundo Audran, autor da música que aqui também teve grande voga. «A mascote», opereta representada centenas de vezes, era de Lião, onde nasceu em 1842. Faleceu em Tierceville, em 1901. Um dicionário nosso, de-certo por descuido de revisão, mudou-lhe o nome para Audran.

Em provençal chama-se mascote a qualquer coisa tida como capaz de trazer a felicidade, ou a que o francês chama *porte-bonheur*.

Também existe em português mascoto, mas de outro significado, de origem diversa.

Figueiredo assim define: «Mascoto. Grande martelo, com que se reduzem a pó os fragmentos de metal».

Não consigna a etimologia o saudoço lexicólogo português. Outro, nosso compatriótico, o

sr. A. Nascentes, dá mascote como proveniente do francês *massicot*, o que não parece certo. Há, em a língua franceza, o termo *massicot*, ao qual se atribue mais de um sentido e em nenhum deles, creio, deve filiar-se nosso mascoto.

Massicot, palavra corrente em linguagem médico-farmacêutica, aportuguesada sob a forma de massicote, é outro nome de óxido plumboso, ainda dito protóxido de chumbo, fezes de ouro, cerusa amarela...

Cerusa, sem qualificativo, cerusa em latim, é o modo como se designa o carbonato de chumbo, às vezes chamado cerusa branca.

Darmsteter regista *massicot* como de origem desconhecida. Outros dão-no como alteração do italiano *marzacotto*, «especie de verniz do qual se servem os oleiros», e vem do castelhano *mazacoel*, argamassa, cimento...

Há quem acredite seja massicote de origem árabe, etimologia que tem pouca probabilidade de ser verdadeira. Também *massicot*, em francês, é designação de u'a máquina para cortar livros, papeis, máquina-que, parece tirou o nome do de seu inventor.

Não creio que nenhum desses *massicotes* seja matriz de nosso *mascoto*, salvo melhor observação, termo esquecido no limbo dos vocabulários e por alguns dado como aumentativo de massa.

A definição de mascote, que vem no dicionário de Figueiredo, não me parece sem defeitos. Nem sempre à boa sina, à boa sorte, se dá o nome de mascote.

Também acredito que, não havendo má ventura, não seja razoável dizer-se boa ventura, embora o último termo, etimologicamente, valha por destino, que pode ser bom ou mau.

O nome mascote é dado a pessoa, a animal ou a objecto considerado capaz de captar a felicidade, de atraí-la. Sinão estou em erro, corresponde a talisman, português e espanhol, a talismano, italiano.

Diz-se o mascote ou a mascote, conforme o género do nome que serve para representá-lo. Um anel pode ser um mascote, u'a medalha será a mascote.

O visgo (*gui* dos franceses) lorantácea tecnicamente chamada «*Viscum album*», era tida como sagrada pelos gauleses e seus descendentes directos, os franceses, ainda hoje o consideram um mascote. A figueira da India, «*Ficus religiosa*», era u'a mascote, para os indús.

Talisman, no falar comum, sómente tem o sentido de coisa mágica, apta a atrair felicidades. Nos dicionários também é dado como «doutor da lei», como nome de sacerdote mulgulmano. Parece, provém do árabe *telsaman*, plural de *telsam*, figura mágica, nome proveniente do grego *telesma*, rito religioso, magia...

Em vez de talisman, de mascote, a qualquer

A Assistencia Dentaria nas escolas primarias

RESUMO DOS SERVIÇOS EFFECTUADOS EM 1934

1.^a Região—30 Gabinetes

Dentista-Chefe: Dr. Henrique Carlos Carpenter

Consultas.....	38.183
Extracções.....	13.849
Diagnosticos.....	33.973
Curativos.....	21.301
Intervenções urgentes.....	3.240
Intervenções preparatorias....	6.289
Obturações.....	11.864
Altas.....	2.661
Dentes dos 6 annos aproveitados	3.617

2.^a Região—32 Gabinetes

Dentista-Chefe: Dr. Adanto de Assis

Consultas.....	46.914
Extracções.....	17.662
Diagnosticos.....	48.371
Curativos.....	23.714
Intervenções urgentes.....	3.011
Intervenções preparatorias....	5.381

Obturações.....	15.063
Altas.....	2.621
Dentes dos 6 annos aproveitados	4.943

3.^a Região—19 Gabinetes

Dentista-Chefe: Dr. Jayme de Campos

Consultas.....	19.688
Extracções.....	7.353
Diagnosticos.....	21.473
Curativos.....	14.743
Intervenções urgentes.....	1.990
Intervenções preparatorias....	3.702
Obturações.....	6.015
Altas.....	1.081
Dentes dos 6 annos aproveitados	2.017

TOTAL GERAL

Consultas.....	104.790
Extracções.....	38.864
Diagnosticos.....	103.817
Curativos.....	59.758
Intervenções urgentes.....	8.241
Intervenções preparatorias....	15.572
Obturações.....	32.942
Altas.....	6.363
Dentes dos 6 annos aproveitados	10.583

Districto Federal, 9 de Janeiro de 1935.—
Frederico Eyer, Superintendente.

ODORANS

DENTIFRÍCIO GENUINAMENTE MEDICINAL

O melhor da actualidade!

Usado e recommendado por eminentes medicos e cirurgiões-dentistas, entre os quaes: Drs. J. Marinho, Augusto Linhares, Bruno Lobo, Jorge Murinho, Milton de Carvalho, Alvaro Rosas, Benjamin Gonzaga, A. Tepedino, Backer Filho, Guedes de Mello, Olympio Pinto, Virgilio de Oliveira, J. Merritt Fordham e muitos outros.

— Liquido e pasta —

Programmas das Escolas do Districto Federal

(Continuação)

V SECÇÃO

GRAMÁTICA

a) *Objetivos.*

1) Tornar a criança sensível ás incorreções de linguagem; 2) despertar-lhe o desejo de falar e de escrever corrétaente; 3) torná-la capaz de descobrir os próprios erros; 4) fazer que o uso continuado da forma corréta se transforme em hábito.

Análise dos objetivos.

E' fóra de dúvida que a gramática estudada como organismo á parte, como conjunto de régras e princípios, não terá resultado prático: sobrecarregará inútilmente a memória da criança pois, no momento em que ela quizer falar, a forma apropriada, assim aprendida, não lhe acudirá á mente. Por outro lado, entretanto, é necessária certa sistematização no ensino da língua, para que a criança, conhecendo as razões de certos fatos, observando certas afinidades e conexões, mais firmemente retenha as noções que adquiriu praticamente.

Tal sistematização não deverá ser iniciada muito cedo porque:

1) só póde ser benéfica quando venha após o conhecimento prático e não antes dele; 2) sendo um conjunto de idéias abstratas (régras, definições, classificações) só poderá ser convenientemente assimilada quando a criança tenha chegado ao grau de maturidade que lhe permita fazer certas abstrações, isto é somente no 4.^o e 5.^o ano.

De acôrdo com essa orientação, o ensino de gramática deve ser feito em duas frases principaes: 1.^a — conhecimento dos fatos gramaticais *praticamente*, por meio de conversa, leitura, variada exemplificação, exercícios e jogos sem nomenclatura especial, nem definições, nem régras, nem classificação; 2.^a — dedução, pelos próprios alunos, das régras, definições e classificações principaes, de acôrdo com os conhecimentos que tenham adquirido e com que estejam perfeitamente familiarizados.

O estudo dos adjetivos, por exemplo, se fará considerando primeiro os qualificativos por serem mais facilmente reconhecíveis, e depois os determinativos. Considerando os qualificativos, teremos o seguinte trabalho didático a desenvolver: 1) os alunos reconhecerão em palavras e frases a idéia de qualidade, primeiro associada á de coisas, animais, etc. (sêres) e depois isoladamente; 2) reconhecidas perfeitamente as palavras que indicam qualidade,

acharão o nome que se lhes deve dar, por motivo de sua função (qualificativos).

Será iniciado hoje o estudo dos determinativos, começando-se pelos articuláres, mais facilmente reconhecíveis por lhes estar intimamente ligada a idéia de gênero e seguindo-se-lhes os possessivos, demonstrativos e quantitativos — estudo que variará em quantidade e modo de apresentação da matéria conforme as condições especiais das classes, as oportunidades que se fôrem apresentando e o interesse que fôr sendo revelado pelos alunos por este ou aquele assunto.

A medida que fôrem sendo reconhecidas, segundo o processo já explanado, as diversas categorias de determinativos, irão os próprios alunos achando, as denominações que lhes devam dar, enquanto a comparação que naturalmente se vai estabelecendo entre tais categorias, irá trazendo por si mesma a classificação.

Já então os alunos terão perfeitamente assimilado as noções de adjetivo qualificativo e determinativo e as definições serão por eles mesmos formuladas, em decorrência do perfeitado conhecimento do assunto.

O mesmo processo irá sendo aplicado a outros fatos gramaticais. A circunstância de fazer-se que os alunos conheçam as denominações dadas ás palavras depois de lhes reconhecerem e compreenderem a função, estabelece facilmente o conceito de que a nomenclatura usada não é arbitrária e sim de acôrdo com a função exercida pela palavra. Daí, pela comparação de funções diversas, chegando-se ao conceito importante de que as palavras não pertencem rigidamente a determinada categoria gramatical, mas que podem receber esta ou aquela denominação, conforme a função que estejam desempenhando, no momento. Régras de concordância e ordem podem ser acñadas pelo mesmo processo, sendo de tal sorte a gramática perfeitamente compreendida e facilmente assimilada pelos alunos, uma vez que por eles mesmos estará sendo descoberta e organizada.

Seguir-se-á desse modo, a marcha natural de formação, segundo a qual a gramática é a consignação dos fatos da língua, ao envez de dar-se á criança a noção errônea de ser a língua feita pela gramática.

O meio de ensinar a falar corrétaente é, por excelencia, o exemplo, oral ou escrito. Como, entretanto, não é possível conseguir que a criança só ouça linguagem corréta e só leia coisas bem escritas, é preciso não só, propriamente, ensinar a falar bem, mas, ainda, ensinar a não falar mal, isto é, empregar um esforço

didático bem determinado para corrigir os erros encontrados.

Para isso não basta corrigir o erro: melhor ainda será evitá-lo.

E, seja para evitar, seja para corrigir, o primeiro passo é formar na criança uma atitude de espírito favorável a esse trabalho. Tal atitude compreende essencialmente:

a) compreensão de que há boa e má linguagem, isto é, palavras e expressões certas e palavras e expressões erradas;

b) desejo de empregar as formas corretas, traduzido em disposição para buscá-las nas boas fontes (boa audição e boa leitura) e para corrigir-se dos erros adquiridos, reconhecendo-os e evitando-os até eliminá-los.

Como o melhor modo de corrigir um hábito é substituí-lo por outro, deve o professor levar o aluno a adquirir o hábito de falar corretamente. Tal aquisição se faz inicialmente pelo ouvido, pois que fala bem a criança habituada a ouvir falar bem; a essa influência se acrescentará a da leitura e da composição oral e escrita.

Para a formação do hábito de falar corretamente, deve o professor: criar no espírito do aluno o desejo da emenda, fazendo-o concentrar a atenção em seus erros mais frisantes até vencê-los completamente e auxiliá-lo a usar conscientemente as formas corretas de linguagem até que se tornem automáticas.

O professor nas primeiras semanas de aula deverá dirigir o assunto de suas conversações para as coisas familiares à criança, afim de conseguir que os alunos falem livremente. Nessas palestras ele deverá anotar cuidadosamente, sob títulos, os erros freqüentes cometidos na classe, tais como — erros de concordância, má pronúncia, expressões incorretas, termos de gíria, etc..

Dentre os erros observados ele escolherá um pequeno grupo e procurará eliminá-los durante determinado período, evitando difundir seu esforço de correção por muitos, que não seria possível fazer desaparecer no mesmo tempo. Quando cerca de 75 % da classe não cometer mais tais erros, ele escolherá outro grupo para o mesmo fim.

A repetição variada de exercícios e jogos completará o esforço dos alunos para a diminuição dos erros, esforço que tanto mais profícuo será quanto maior for a colaboração de mestre e alunos nesse sentido.

c) Prática do ensino.

I — Assuntos.

Noções de gramática.

1.º ano — Nomes e qualidades.

2.º ano — Nomes, qualidades e ações. Gênero. Número (um e mais de um). Antonimos e sinonimos.

3.º ano — Nomes, qualidades e ações. Conjugação, nos tempos simples do Indicativo, de verbos de uso muito comum. Gênero, e nú-

mero. Palavras que indiquem lugar, tempo e modo. Antonimos e sinonimos. Pronomes pessoais. Famílias de palavras. Coletivos.

4.º ano — Substantivo. Adjetivo. Pronome. Verbos regulares. Advérbios. Antonimos, sinonimos, homonimos e paronimos. Sujeito, predicado, objeto direto. Derivação e composição (principais prefixos). Concordância (substantivo e adjetivo, sujeito e verbo).

5.º ano — Palavras variáveis e invariáveis. Advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Verbos irregulares, sujeito predicado, objetos e adjuntos. Oração principal, coordenadas e subordinadas (sem classificação).

Tipos de erros para corrigir:

Prosódia — não pronunciar o *r* e o *s* finais; não pronunciar o *i* no ditongo *ei*, e o *u* no ditongo *ou*: mantêga por manteiga, besôro por besouro; trocar o *l* pelo *r* ou *u*: quarquer, por qualquer; animau por animal, miu por mil; perca em vez de perda; malcriação por mácriação; malhor por maior; trusse por trouxe; perferir, perciso, adeogado, abisoluto, família, demonho.

Comparativo — mais maior, mais grande, mais superior, mais inferior.

Tempo de verbo: — si eu ver.

Caso do pronome — para mim fazer.

Tratamento — eu te dei para você; eu te trago seu livro.

Verbo preferir — prefiro mais, prefiro muito mais, prefiro do que.

Preposição — sentar-se na mesa, por sentar-se á mesa; ir na cidade; pedir para em vez de pedir que.

Expressões — eu peguei e disse; eu fui e disse assim; é aí, e então; de maneiras que, de formas que.

Pleonásmos — subir para cima, sair para fóra.

II — Exercícios e jogos.

1) — Exercícios para aquisição de noções gramaticais:

1.º ano — Associar palavras sob vários critérios, organizando as crianças coleções de palavras que:

- comecem ou terminem pela mesma sílaba;
- comecem ou terminem pela mesma letra;
- indiquem nomes de animais, plantas, pessoas, coisas, etc..
- designem qualidades desses nomes.

2.º ano — Associar palavras sob vários critérios, arganizando as crianças listas de palavras que:

- terminem pelo mesmo sufixo (ad, ão, etc.);
- indiquem nomes de coisas;
- descrevam qualidades (de animal, coisa, etc.);
- designem ações;
- exprimam o mesmo e o contrário;
- demonstrem o gênero;
- indiquem um e mais de um;

3.º ano — Associar palavras sob vários critérios:

a) empregando sufixos e prefixos mais usados;

b) organizando famílias de palavras;

c) separando, em grupos, palavras de uma, duas, três e mais sílabas;

d) agrupando palavras que formem plural regular e irregularmente;

e) agrupando antonimos e sinonimos de nomes, qualidades e ações;

f) colecionando palavras e expressões que exprimam quando, onde e quando.

Conjugar (em frases) verbos regulares e os irregulares mais comuns (nos tempos simples do indicativo).

2) — Exercícios para utilizar a colaboração dos alunos na correção de erros.

1) — Fazer uma lista das formas corretas, correspondendo aos erros mais comuns e entregá-la ao aluno para que a consulte em caso de dúvida.

2) — Fazer com que os alunos tomem nota, num caderninho, do número de erros cometidos em determinado dia a propósito de certo exercício e, dias depois, quando for dado um exercício congênere, levá-los a comparar o número de erros com os do dia anterior. Acompanhando assim seu próprio progresso o aluno se interessará e terá, na diminuição de falhas, motivo de justo orgulho.

3) — Quando for dada uma carta, mandar um aluno escrever no quadro, em colaboração com os outros, uma lista de possessivos e variações pronominais adequadas ao tratamento escolhido.

4) — Póde-se instituir também a «caixa do correio» da classe: sempre que um aluno falar errado, quem o notar, escrever-lhe-á um bilhete e o colocará na «caixa». O professor também póde escrever o seu bilhete. Toda semana, ou de 15 em 15 dias, a caixa será aberta e o conteúdo entregue aos destinatários. Assim os alunos registrarão mais uma forma correta na lista ou a assinalarão com um traço si já estiver incluída. Os bilhetes serão assinados, para que os alunos se habituem a arcar com a responsabilidade do que fazem e do que dizem.

O professor deverá fazer exercícios especiais e individuais para que o aluno domine certos erros mais rebeldes.

4) — Póde o aluno, já ciênte da forma correta dar uma frase para o colega corrigir. Si este não acertar, ele a ensinará. Desse modo se estabelecerá o hábito de observar os erros e de zelar pela própria linguagem.

6) — Ditado — Ditado das frases ou palavras aprendidas na semana: o professor pronuncia a palavra, escreve-a no quadro negro, pede aos alunos que a leiam atentamente e apaga-a. Os alunos então a escreverão de cór.

Quando houver erro, o professor escreverá novamente no quadro e as crianças copiarão.

3) — Jogos.

I) — A travessia do rio (para antonimos e sinonimos — 2.º e 3.º ano) — Formam-se dois partidos: um fica em frente ao outro, em duas fileiras, mantendo entre si um espaço, que é o rio. Escolhem-se 7 ou 8 alunos para «pedras» do rio. Cada «pedra» escolhe uma palavra: branco, bonito, estudioso, velho, etc. Dado o sinal de partida, uma criança tenta atravessar o rio. Chegando a uma «pedra», esta lhe dirá o nome que escolheu: o viajante deve, imediatamente, dizer o antonimo. Si errar não poderá atravessar o rio. O partido que contar maior número de vencedores ganhará. Este jogo póde ser usado também para singular e plural, masculino e feminino, etc.

II) Derivados (para o 3.º, 4.º e 5.º anos).

Divide-se a classe em dois partidos e escolhe-se um aluno para chefe (ou o próprio professor será). Cada jogador fica com um lápis e uma folha de papel dobrada em quatro partes igais. Em cada uma dessas partes os alunos desenham um tronco de árvore com dois ou três galhos. O chefe fica com um papel onde escreve quatro palavras primitivas (raízes). Ex.: livro, pedra, casa, jornal. O chefe lê para os colegas essas quatro palavras, uma a uma, fazendo entre elas uma pausa de 1/2 ou 1 minuto.

A medida que se faz a leitura, os jogadores escrevem a palavra lida em um tronco e os derivados nos respetivos galhos, ficando assim um tronco para cada palavra. Para julgamento o chefe relê as palavras escolhidas e os alunos lêem as que escreveram. O professor auxiliará o julgamento. (Cada tronco sem erro obtém três pontos).

III) — Homônimos (4.º e 5.º ano).

Escolhem-se tiras de papel ou de cartolina de duas cores para distinguir os dois partidos em que se divide a classe. Cada aluno recebe uma tira onde estão escritas oito frases, em cada uma das quais ha um espaço em branco reservado ao homônimo. Os homônimos que se trata de aplicar estão escritos no alto da folha. Os alunos copiam no caderno as sentenças e preenchem os espaços em branco. Ex.: nós e noz.

1 — Vi uma... sobre a mesa. 2 — Para... a lição foi muito curta. 3 — Poderemos... embarcar amanhã? 4 — Aquela... é de Maria.

Sexto, cêsto.

1 — João carrega uma... de uvas. 2 — Maria é a... aluna na forma. 3 — O gato dorme no... 4 — Meu... ano será de bonitas notas.

Os jogadores trocam os papéis e corrigem de acôrdo com as respostas que estão em tiras separadas ou que serão escritas no quadro negro.

Vencerá o partido que contar maior número de papéis certos.

IV — A viagem.

Aplicar a conjugação de verbos o jôgo — A travessia do rio — indicado para o 3.º ano.

III — Testes.

5.º ano.

Charada — Dar os homônimos que significam:

- 1) — nota de música e lugar (...)
- 2) — corda de instrumento e parenta.... (...)
- 3) — trabalho á noite e futuro de verbo (...)
- 4) — extremidade de navio e criminoso... (...)

Homônimos que poderão ser dados em testes como esse: pássaro e paço; houve e ouve; fato e fato; cela e sela; ha e á; secretária e secretária; córte e córte; clínica e clínica; sirio e ci rio.

d) Mínimo que se deve alcançar.

1.º, 2.º e 3.º anos — No fim de cada um destes anos deve o aluno satisfazer aos seguintes requisitos (de acôrdo, respetivamente, com os assuntos indicados em: c) Prática do ensino e com a orientação indicada em: b) Análise desses objetivos):

a) conhecer palavras que representem nome, qualidade ou ação e os pronomes pessoais;

b) passar palavras de um genero ou número para outro (plural: caso geral, plural em ões e das palavras terminadas em r, s e s.);

c) dar sinônimos e antônimos (palavras muito comuns e sem especificação da significação particular de cada uma).

d) conhecer a significação de alguns coletivos mais comuns;

e) conjugar verbos regulares nos tempos simples do modo indicativo;

4.º e 5.º anos — No fim de cada um destes anos deve o aluno satisfazer aos seguintes requisitos (de acôrdo com os assuntos indicados em: c) Prática do ensino e com a orientação indicada em: b) Análise desses objetivos.

a) conhecer as diversas categorias de palavras variáveis e invariáveis (adjetivos e pronomes indefinidos, apenas os mais comumente usados);

b) conjugar qualquer tempo de verbo, conhecendo os principais tipos de verbo, aparentemente irregulares e defectivos;

c) conhecer alguns prefixos e sufixos mais importantes e algumas famílias de palavras;

d) reconhecer em uma oração (de forma simples): sujeito, predicado, objeto dirêto e indirêto, adjuntos (sem diferenciação de espécie);

e) destacar a oração principal em um periodo de contextura simples;

f) conhecer alguns sinonimos (com diferenciação de sentido) antônimos, homônimos e parônimos.

VI SECÇÃO

BIBLIOTÉCAS

1) — Considerações gerais

A's bibliotécas escolares podem ser atribuidas três finalidades principais:

a) elemento de informação (e, pois, de auxílio ao estudo);

b) meio de despertar, desenvolver e manter o gôsto pela literatura (e pela boa linguagem);

c) meio de aperfeiçoar o treino de leitura.

Dentro desse quadro geral as bibliotécas ainda ágem como instrumentos educativos particularizados, que pôdem desenvolver:

1) o sentido de ordem, de asseio, de economia, obtido pelo trato cuidadoso dos livros arrumação, catalogação, etc.;

2) o hábito de observação cuidadosa, de atenção e justeza de ação desenvolvido pela procura dos livros de acôrdo, com o catálogo, pelas pesquisas realizadas para obtenção das informações de que se precisa, etc.;

3) o espírito de cooperação, desenvolvido pela própria constituição da bibliotéca e seu funcionamento, pelo modo por que os trabalhos aí são realizados, etc.

4) o respeito á liberdade e ao trabalho dos outros, pela necessidade do silencio e de ordem na bibliotéca.

Na escola pôde haver duas espécies de bibliotécas: a da escola e a da classe.

2) — Bibliotéca da escola.

a) Organização.

A bibliotéca da escola deve ocupar sala especial, tanto quanto possível ampla, convenientemente iluminada, arrumada e ornamentada com gôsto, de modo que constitua ambiente agradável, onde as crianças se sintam á vontade, se sintam no que é seu.

Atendendo ao valor da colaboração e ao gôsto que desperta aquilo que a própria pessoa faz, será de toda vantagem que a bibliotéca seja arrumada, organizada e ornamentada pelos alunos e com contribuições suas, isto é, com objetos que eles próprios tragam ou, melhor ainda, por eles mesmos feitos.

Em volta da sala ficarão as estantes, envidraçadas ou não, conforme as possibilidades da escola e de preferência embutidas nas paredes. Será melhor que não sejam muito altas, e, si salientes, sobre elas se poderão colocar vasos e objetos diversos, úteis ou de adôrno, de preferencia, executados pelos proprios alunos (aulas de modelagem, trabalhos, etc.)

Nas prateleiras mais baixas serão colocados os livros que sirvam aos primeiros anos e nas mais altas os dos anos mais adiantados.

Além das estantes, poderá haver armários

para guarda de álbuns e estampas, fichários, etc.

No centro haverá mesas próprias para leitura e de duas alturas, pelo menos para servir a crianças de diverso desenvolvimento físico. Cadeiras em torno das mesas, não sendo necessário, porém, grande quantidade, uma vez que será permitido ás crianças sentarem-se livremente pelo chão.

Em estantes, prateleiras, mostruários ou pequenas mesas; ficarão em desordem aparente alguns livros, álbuns e revistas, principalmente os que tenham figuras coloridas, para atraír a atenção dos alunos mais novos, que estão começando a lêr, ou que ainda não lêem.

Nas paredes haverá quadros, painéis, frisas; alguns serão reprodução de obras de arte, como meio de educação do gôsto, outros poderão representar personalidades notáveis ou fatos históricos interessantes, outros, finalmente, serão trabalhos dos próprios alunos e, tanto quanto possível, das diversas classes da escola. Estes poderão ser escolhidos em concurso pelos alunos de cada classe, respetivamente, e serão substituídos de quando em quando.

Para tornar mais comodo e eficiente o uso dos livros ha uma série de pequenos móveis e objetos que poderão ser empregados, tais como pequenas estantes para livros grandes, que serão lidos de pé, classificadores, etc., etc.

Um professor será encarregado da bibliotéca. Em escolas grandes, deverá incumbir-se unicamente, desse serviço, isto é, não deverá ter turma. Sua função será cuidar, por todas as maneiras, da bibliotéca, enriquecê-la e aperfeiçoá-la e fazê-la preencher da melhor maneira suas finalidades.

O bibliotecário deve ter como incumbencia:

a) guardar e arrumar os livros e distribuí-los por assunto e de acôrdo com as classes que os devam consultar;

b) organizar o catálogo;

c) ensinar a boa maneira de tratar os livros, de utilizar-se destes para encontrar as informações desejadas, de servir-se do catálogo;

d) fazer que os alunos adquiram hábitos de silencio e recolhimento, para melhor eficiência de sua leitura e possibilidade da leitura dos outros, levando-os, desse modo, a compreender a necessidade de cada um respeitar o sossêgo e, portanto, a liberdade dos outros;

e) guiar os alunos na leitura e pesquisas que pretendam fazer, indicando-lhes as fontes de informação adequadas, sem, entretanto, tolher-lhes a iniciativa e a liberdade de escolha necessárias;

f) procurar desenvolver de todos os modos o gôsto pela leitura e o amor ao livro, pela escolha cuidadosa dos que devem compôr a bibliotéca pelo modo de apresentá-los ás crianças, pela organização de concurso e inquéritos, pela narração de histórias, etc.;

g) fazer a estatística dos livros lidos, dos

exemplares mais freqüentemente consultados e dos livros de preferencia das crianças;

h) adquirir livros novos, assinar revistas e procurar obter doações que enriqueçam a bibliotéca;

i) organizar e dirigir o serviço de retirada e empréstimo;

O bibliotecário disporá de um grupo de alunos-auxiliares que se incumbam de todos os serviços ao seu alcance, sem prejuizo dos trabalhos de classe e de modo que tais funções sejam para eles verdadeiramente educativas.

b) Utilização dos livros.

O uso dos livros da bibliotéca deve fazer-se de três modos: na bibliotéca, na aula e em casa do aluno. Cada uma dessas modalidades tem sua função específica.

A utilização em casa do aluno terá principalmente a finalidade de incrementar o gôsto pela leitura; como o aluno não terá assistência do professor, os livros naturalmente indicados para isso serão os de literatura, si bem que os didáticos também possam ser utilizados, como fonte de informação, em trabalho que possa ser feito pelo aluno, por si só.

A utilização na sala de aula serve, justamente ao contrário, para os casos em que ha intervenção ou assistência do professor, ou para os que demandam ação coletiva. Os livros vêm então á classe para servir ás lições de momento, para exemplificações e citações que o professor queira fazer, para leitura coletiva, etc., etc. Essa função fica consideravelmente atenuada quando existe bibliotéca da classe.

A utilização dos livros na bibliotéca pôde ser feita nas mesmas condições indicadas nos dois parágrafos anteriores, isto é, individual ou coletivamente e com assistência do professor, conforme o caso. Essas não são, portanto, funções específicas.

Das funções específicas do trabalho na bibliotéca, se deve destacar, em primeiro lugar, a influencia do ambiente. A bibliotéca é um lugar de ordem, de calma, de recolhimento e de beleza. Na escola é quasi um santuário onde o espirito repousa, entre emoções estéticas de suavidade. Seu simples aspêto á ordem e á calma necessárias á expansão e aperfeiçoamento da intelectualidade. Ambiente agradável, de ordem sem vetustez, de alegria sem ruído, de atividade sem balbúrdia, ambiente disciplinador e educativo por excelencia.

Aí os alunos têm noções práticas de ordem, aí encontram uma demonstração evidente do valor da colaboração. Aí eles se sentem atraídos pelas figuras interessantes, pelas encenações artísticas e passam insensivelmente dessa exterioridade cativante para o sentido interno, para o prazer das leituras divertidas e para a utilidade das informações bem ministradas. Tomam-se de gôsto, tomam-se de amor ao livro.

Os pequeninos, que não sabem lêr, encontram nas estampas encanto maravilhoso, que aliam ao interesse das histórias que ouvem, despertando-se-lhes de tal sorte no espírito o desejo de penetrar por si mesmos no sentido misterioso dos sinais gráficos. Esse desejo vai fazer que considerem a leitura como um gozo ambicionado e vai levá-los a querer lêr, a pedir que lhes ensinem a lêr.

Os maiores, os que sabem lêr, encontram aí ocasião para exercitar e fortificar o gosto pelo livro, adquirindo assim hábitos definitivos de leitura e de meditação.

Na bibliotéca, ainda, têm os alunos ocasião de fazer aprendizagem particulares, quais as de:

a) — lidar com livros, com a preocupação de poupá-los e conservá-los (mãos limpas, abrir o livro sem forçar a encadernação, voltar as páginas sem amassá-las ou rasgá-las;

b) — utilizar-se do catálogo e saber encontrar os livros de que necessitem;

c) — utilizar-se do índice, sumários e outras indicações para encontrar a informação de que estão precisando.

Além da utilização dos livros propriamente, a bibliotéca poderá servir como local para lições diversas, para leitura e narração de histórias, para reuniões e até mesmo como local para exhibições de films, conforme as condições da escola, isto é, quando lhe falte certa aparelhagem que justifique a adaptação da bibliotéca a esses fins pelo facto de ser a maior e melhor sala da escola.

3 — Bibliotéca da classe

A bibliotéca da classe deve compreender-se como extensão e particularização da bibliotéca da escola.

Para ela são suficientes um armário ou algumas prateleiras.

Os livros serão os de que a classe mais comumente se utilize. Serão os livros de todo dia, enquanto os da bibliotéca são os de levar para casa, os de consulta menos frequente. A bibliotéca da escola os alunos irão uma ou algumas vezes por semana, porque é a bibliotéca de toda a escola e tem de servir alternadamente ás diferentes turmas. A bibliotéca da classe é particular, isto é, só serve a determinada classe e pode, portanto, ser usada a toda hora.

Os livros da bibliotéca da classe podem ser privativos desta ou provir da bibliotéca geral, emprestados por certo tempo á classe.

A maneira de utilizá-los cadem os conceitos já expendidos a propósito do uso dos livros em geral e, particularmente a esse uso na sala de aula.

4 — Bibliotéca do aluno.

Uma forma interessante que se pôde explorar na escola, vantajosa economicamente e util como lição prática de colaboração, é a utiliza-

ção dos livros particulares dos alunos, para leitura em aula ou mesmo em casa por meio de troca. O uso de livros de outrem reforçará então as noções de cuidado e respeito pelo livro e o número de volumes que se poderão lêr ou consultar ficará consideravelmente acrescido, sem despêsa para a escola.

5 — Escolha dos livros.

A escolha dos livros que devem constituir uma bibliotéca é trabalho merecedor de grande consideração.

De modo geral, podemos indicar duas categorias de livros: de informação ou didáticos, e de literatura. Como livros de informação ou didáticos, classificaremos todos os que servem a ministrar noções, a auxiliar o trabalho de classe, a completar a observação dos alunos; nesse grupo ficam os livros de geografia, história, aritmética, álbuns diversos, revistas científicas, etc., etc.. Como livros de literatura os que servem: a) para despertar o gosto pela leitura (livros de estampas, álbuns, livros de histórias, folhetos diversos com figuras, etc.); b) os que servem para aprendizagem e cultivo da leitura (livros de leitura, livros de histórias, contos, seléctas, romances, etc.) entrando nessa categoria as revistas e jornais.

Os livros de leitura recreativa, ou de literatura, devem ser agradáveis e interessantes, morais sem preocupação ostensiva de pregar moral, de forma literaria o mais perfeita e mais bela possível, de accordo com o grau de mentalidade das crianças a que se destinem. As figuras, de preferência coloridas, devem ser cheias de vida, reais, bem desenhadas; são indispensáveis nos livros destinados aos primeiros anos e serão mesmo quasi exclusivamente de figuras os que sirvam para os alunos que ainda não saibam lêr. O assunto deve ser: contos de fadas, modernos, e tradicionais, contos históricos, histórias humorísticas, enígmias, histórias de animais e fábulas, poesias, etc.

Entre os livros dessa espécie podem figurar para o 1.º ano: livros de figuras, com pequenos trechos de prosa ou verso (cantigas populares, quadrinhas, etc.) livros de histórias, folhetos diversos, cartilhas de higiene e outras desse género. Do 2.º ano em diante os livros serão francamente de leitura e progressivamente mais difíceis, aproximando-se gradualmente dos tipos de literatura para adultos.

Os livros didáticos, antes de mais nada, precisam ser certos, ter a matéria exposta com clareza e método e de modo agradável e interessante, serem escritos em linguagem simples e em bom português, isto é, com correção e, particularmente, serem isentos de galicismos e anglicismos tão comuns pela influencia de nossas leituras estrangeiras.

A feitura material dos livros usados pelas

crianças deveria ser ótima, dadas porém as dificuldades que isso acarreta para nós, temos de contentar-nos com uma boa impressão tipográfica, isto é, sem êrros e nítida, papel não transparente, linhas não muito juntas, tipo graúdo para as classes inferiores e gradativamente menor, até o normal, sem chegar nunca a ser muito miúdo.

Casa Orlando Rangel

Drogaria e
Perfumaria

Rangel Costa & Cia.

Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

Aque mais barato vende perfumarias

A sua casa propria

V. S. pôde obtel-a pelo nosso Plano Novo de construcção, com as maiores garantias de Arte, Solidez e Commodidade.

PORQUE

- converteremos simples inquilinos em proprietarios;
- construímos directamente com nossos operarios;
- dispomos de peritos em construcção;
- construímos com ARTE E SOLIDEZ;
- a garantia do cliente é a garantia do nosso capital;
- a nossa organização financeira permite reduzir o custo da construcção;
- vendemos pelo prazo que convier ao cliente;
- as mensalidades equivalem a um aluguel, dependendo do prazo estabelecido;
- a nossa responsabilidade não termina com a entrega da casa; subsiste por muitos annos;
- ajudamos a cancellar a divida antes do prazo estipulado.

«LAR BRASILEIRO» constróe em terreno de propriedade do comprador da casa, desde que esteja situado em logar dotado de boas communicações e serviços publicos. O valor do terreno é computado na entrada inicial de 20%.

“LAR BRASILEIRO”

— ASSOCIAÇÃO DE CREDITO HYPOTHECARIO —
RUA DO OUVIDOR, 90
RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

As assinaturas d'A Escola Primaria pódem ser tomadas, em qualquer época, pelo preço de 12\$000 por ano para o Distrito Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redação d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio

As coleções dos anos anteriores são vendidas na mesma redação ao preço de 12\$000 cada ano, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernados. Os pedidos de coleções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

Pedimos a nossos assinantes o obsequio de nos enviarem, por escrito, tanto as comunicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Digestão e nutrição

O aparelho digestivo é dos que mais trabalham no organismo, pois sendo obrigado a receber as substancias de toda a natureza que compõem os nossos alimentos, tem de transformal-as fornecendo tudo que carece o corpo humano.

Quando o estomago ou o figado funciona mal logo o intestino se resente, isto é, quando sentimos a digestão pesada ou azia frequente, podemos contar com o desarranjo intestinal, a figura saburrosa ou a prisão de ventre.

Estes estudos produzem as enxaquecas, o peso na cabeça, a intoxicação, a insomnia, etc., etc.

Aparelho digestivo que se encontra nessas condições, não aproveita, não assimila os alimentos.

Os infelizes dyspeticos sem poderem comer sinão alimentos muito leves, arrotando, cheios de gazes ou de aztas, somnolentos, cansados sem poderem trabalhar, com tonteiras após as refeições, com

dores de cabeça e desanimo geral, são pessoas que amanhecem mal, com um gosto terrivel na boca e a cabeça pesada, passam o dia cheios de máo humor e vendo a vida somente pelo lado máo, pessimista e neurasthenicos.

Paptol é um especifico desses estados dyspepticos por conter *pepizina em estado integral*.

Peptol é um tonico nutriente, levando ao organismo debilitado o phosforo organico, alimento do systema nervoso e o calcio que é o principal factor do systema osseo.

Peptol é o reconstituente ideal dos debilitados porque offerece ao organismo a molecula dos elementos principaes da cellula viva: o phosforo, o calcio e o sodio. Em resumo, Peptol, corrigindo os desvios da digestão, activando o appetite e a assimilação dos alimentos, estimulando a circulação e o systema nervoso, activa todas as funcções organicas.

Daqui a 6 annos

elle vae começar a estudar e a gastar...

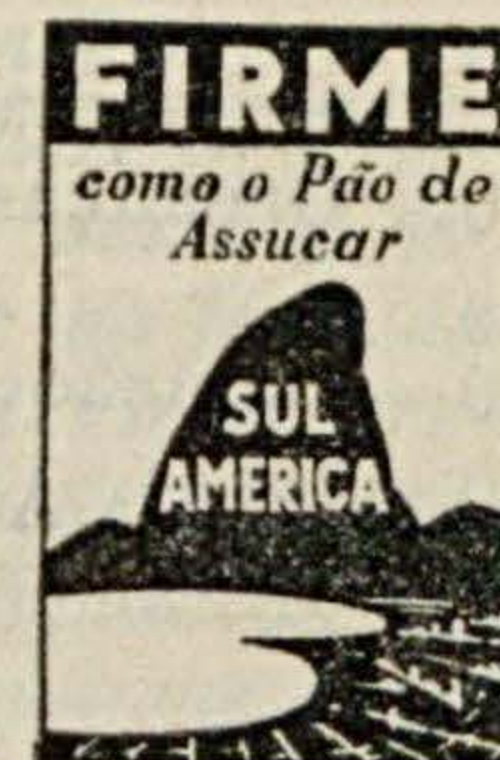


EO SNR. naturalmente gastará com prazer, visando fazer de seu filho um homem culto e educado... Mas que acontecerá si seu filho vier a perdê-lo de uma hora para outra? Como poderá elle completar os estudos iniciados, si lhe faltarem recursos?

Si o Snr. não pódê legar uma renda fixa a seu filho, a solução desse problema está num seguro com o plano de "liquidação parcellada". E' um plano interessante e, sobretudo vantajoso, porque o Snr. mesmo pódê regular os pagamentos que a Sul America deverá fazer, estipulando que uma parte seja paga em dinheiro á vista, immediatamente ao dar-se o vencimento; outra parte transformada em renda durante certo numero de annos e, por fim, o resto do peculio, tambem á vista, depois de completado o periodo de renda. As vantagens deste plano são faceis de calcular. Nenhum negocio "vantajoso" poderá arruinar o peculio que o Snr. deixa para custear os estudos de seu filho.

UM FOLHETO COM TODAS AS INFORMAÇÕES

Para o Snr. conhecer, em detalhes, todas as vantagens deste plano de seguro, mande-nos o coupon abaixo. Fazendo isto, o Snr. receberá um folheto explicativo, gratis e sem qualquer compromisso. Pense no futuro de seu filho e não perca a oportunidade de ficar conhecendo esta vantajosa fórmula de seguro.



Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

A' SUL AMERICA

Caixa Postal 971 — RIO DE JANEIRO

O-2

Desejo receber — sem obrigação de minha parte — o folheto explicativo do plano de seguros de "liquidação parcellada".

Nome

Rua

Cidade E. Ferro

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

SERIE PUIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Cartilha Analitica.....	1\$800
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria— 1.º Livro.....	4\$000
« « — 2.º Livro.....	5\$000
« « — 3.º Livro.....	5\$000

MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos).....	4\$000

MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$500
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil